

MÍRIAM LEITÃO

PANORAMA ECONÔMICO



No mar, de novo

• Não é, como bem sabemos, a primeira vez que Portugal está endividado e sem governo. O jornal “Financial Times” sugeriu, em aberta provocação, que o país se torne um dos estados brasileiros. De novo, com antecedentes históricos: os ingleses incentivaram um evento assim há 203 anos. Portugal tem números assustadores e é mais uma pedra que cai no caminho da Europa.

O que de novo é triste é que o país passou por um momento de prosperidade que produziu um salto nos últimos 20 anos. E agora se afunda numa conjuntura de difícil saída. Para ser resgatado, precisará pedir ajuda à Europa e ao FMI que pode chegar a 50% do PIB; para ter essa ajuda, precisará aprovar um programa de ajuste, que semana passada foi rejeitado levando à queda do primeiro-ministro José Sócrates.

Portugal é pequeno para o tamanho da Europa, mas sua capacidade de contágio é grande. A Espanha, que tem também seus próprios problemas, está exposta ao risco português. Além disso, ele será o terceiro país a precisar de socorro depois de Grécia e Irlanda. Quem viveu os anos 1980 na América Latina sabe o fim da história: terminará havendo um grande processo de renegociação da dívida de um grupo de países europeus, com a ajuda dos países centrais, como a Alemanha, e perdas para os credores e dor para a população. A saída nunca é fácil.

O PIB português é de US\$ 247 bilhões, a 50ª economia do mundo, menos da metade do PIB do estado de São Paulo. A população é um pouco menor do que a do estado do Rio. Atualmente, o nível de endividamento das famílias supera 100% do PIB, porque houve muito incentivo ao crédito imobiliário, e os imóveis caíram 30% em relação aos níveis de 2008. Há brasileiros aproveitando os altos preços aqui e comprando imóveis no país. A dívida pública é 87% do PIB, mas com vencimentos pesados a curto prazo. Como o mercado acha que o país não conseguirá fazer o ajuste necessário, tem pedido juros cada vez mais altos, em 7,7% de taxa e isso leva a rebalamentos das agências de risco, elevando mais os juros: um círculo vicioso que o Brasil conheceu bem nos seus momentos de alto endividamento externo.

O empresário português Jaime Gomes, do setor farmacêutico, conta o clima do país:

— A situação não está fácil, os impostos estão elevadíssimos. Os bancos estão endividados, como o governo, e por isso há pouco crédito e com spreads altos. As empresas não conseguem empréstimos. O desemprego está mais alto que nunca, em 11%. A entrada na Zona do Euro foi demasiado boa para o país. Criou uma ilusão tanto para o governo quanto para a população. Foram concedidos muitos benefícios salariais, de aposentadorias, além de saúde e educação de graça. Estímulos insustentáveis que elevaram o déficit público. Foram dados estímulos à compra de imóveis com juros baixos na época da bonança. Neste momento, Portugal já está sob intervenção internacional, embora não admita. É um embuste para enganar as pessoas.

Os economistas ouvidos aqui no Brasil apontam que é o mesmo caso da Grécia. Com um déficit comercial de US\$ 22 bilhões, pouca com-

petitividade, o país precisaria desvalorizar sua moeda para exportar mais. Amarrados ao euro, que lhes deu crescimento e sensação de prosperidade, eles agora não têm o recurso da desvalorização. A ajuda da Europa nos anos 90 e a moeda comum a partir de 2002 elevaram a situação social e econômica do país, mas agora o euro virou camisa-de-força.

Paulo Elísio de Souza, presidente da Câmara Portuguesa de Comércio do Rio de Janeiro, conta outra semelhança com o caso grego:

— Temos uma crise econômica que virou crise política. O governo precisava aumentar a arrecadação e subiu impostos. Isso virou queda de produção. O governo tomou medidas que reduziram salários e aposentadorias. Os salários dos servidores sofreram quedas de até 10%. O povo sentiu e foi para as ruas protestar.

Os analistas dos bancos dizem que a queda do governo era um risco no radar. No ano passado, a oposição ameaçou votar contra, mas no fim aprovou o primeiro pacote de medidas. Na semana passada, um novo pacote foi derrubado no Parlamento, e o primeiro-ministro renunciou. O problema é que o pacote de ajustes é a exigência para o socorro internacional BCE-FMI. E está cada vez mais difícil cumprir qualquer promessa. Só em abril, vencem € 5,3 bilhões; em junho, € 6,9 bi, até o fim do ano, € 23,6 bilhões. No ano que vem, outros € 21 bi.

A população está envelhecida: apenas 16% têm menos de 15 anos; e acima de 65 anos são 20% da população. O déficit público está acima de 8%, segundo a Eurostat. A pauta de exportação é pequena e o país não tem vitalidade econômica. Numa história de grandes feitos e colapsos, de riquezas súbitas e dívidas desmoralizantes, Portugal vai de novo atravessar o mar salgado do empobrecimento. E os credores são implacáveis quando o devedor está se enfraquecendo.

Os economistas brasileiros e os relatórios das empresas de auditoria dizem as mesmas coisas: medidas profundas de austeridade, para reconquistar a confiança dos bancos que financiam a dívida, para assim reduzir o custo de carregamento.

O sonho de país europeu próspero cobra uma conta amarga. Em vez de falar de mais um relatório de banco ou empresa de risco de crédito, melhor é ler Fernando Pessoa: “Talvez que amanhã/Em outra paisagem/Diga quem foi vã/Toda essa viagem/Até onde quis/Ser quem me agrada.../Mas ali fui feliz/Não digas nada.”

A história parece a mesma: a queda de Portugal torna mais difícil a situação da Espanha. O país é pequeno, mas é um novo passo da grande encenação europeia. Ou como diria, de novo, Pessoa: “Cada um de nós é uma sociedade inteira.” Não há pequenos países no mundo conectado de hoje.

oglobo.com.br/miriamleitao • e-mail: miriamleitao@oglobo.com.br

COM ALVARO GRIBEL

ALTO RISCO: Professor da Fiocruz vê problema grave na estatística de acidentes

Fotos de Simone Marinho



A REVOLTA dos operários da Usina Hidrelétrica de Jirau, na semana passada, teve nas péssimas condições de trabalho um de seus estopins

Governo vai apertar fiscalização e ampliar prevenção nas empresas

Construção e transportes, áreas com mais acidentes, serão setores prioritários

Geralda Doca, Cássia Almeida* e Henrique Gomes Batista

• BRASÍLIA, PORTO VELHO (RO) e RIO. Embora o assunto tenha passado, nos últimos anos, longe das prioridades oficiais, o governo federal prepara uma ofensiva para reduzir o número de acidentes de trabalho em dois setores críticos: construção civil, embalado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e transporte de cargas. Empresas desses dois setores com mais de 20 empregados precisarão ter uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) — exigência normalmente válida apenas para firmas com mais de 50 funcionários. Os dois setores serão os alvos principais da fiscalização. As diretrizes básicas sobre saúde e segurança do trabalhador constam de um decreto que deve ser publicado no fim de abril no Diário Oficial da União.

Em 2009, houve 740.657 acidentes em todo o país, que resultaram em 13 mil inválidos e quase 2.500 mortos. Isso significa que, a cada dia, 43 trabalhadores, em média, não retornam ao trabalho devido a invalidez ou morte. Somente na construção civil, o número absoluto de mortos, que era de 319 em 2007, passou para 384 em 2008 e chegou a 395 em 2009. O número de ocorrências com invalidez em acidentes de trabalho, que em 2007 foi de 755, atingiu 1.232 em 2009. Ainda não há dados consolidados de 2010.

Elaborado por uma comissão tripartite (governo, empresários e empregados), o decreto determina adoção de medidas como uma maior integração entre os serviços prestados pelos ministérios da Saúde e da Previdência — com foco na reabilitação e inserção no mercado de trabalhadores considerados incapacitados (são 60 mil por ano) — e a unificação do banco de dados do governo federal.

Concessão de benefícios saltou 103% em 4 anos

Levantamento inédito da Previdência — sem considerar as pensões por morte, apenas as concessões de benefícios (auxílio-doença) resultantes de acidentes de trabalho — mostra que o número de ocorrências subiu nos últimos anos. Em 2006, foram concedidos 99.490 benefícios motivados por fatores externos (lesão, fratura). Em 2010, eles chegaram a 202.740, uma alta de 103,8% em quatro anos. Os números são muito altos, destacou Remigio Todeschini, diretor do Departamento de Políticas de Saúde e Segurança Ocupacional do ministério.

Segundo cálculos da Previdência, com base nas ocorrências de 2009, o país gasta por ano com acidentes de trabalho R\$ 56,8 bilhões — com despesas de internação e consulta do SUS, por exemplo —, sendo R\$ 14,2 bilhões só com a Previdência.



“Todo esse dinheiro é jogado no ralo”

Remigio Todeschini, diretor do Ministério da Saúde

“O governo sempre foi omissivo”

Emerson Casali, diretor de Relações do Trabalho da CNI

— Todo esse dinheiro é jogado no ralo — afirmou Todeschini.

O governo pretende cobrar das empresas, quando ficar comprovado que elas tiveram culpa nos acidentes. Falhas na manutenção de máquinas ou o não fornecimento de equipamento de segurança, por exemplo, são agravantes. Mas, para isso, é preciso melhorar a fiscalização e adotar medidas para identificar melhor os acidentes de trabalho. Para o diretor da Nova Central Sindical, Luiz Antonio Festino, membro da comissão tripartite, além da falta de fiscais do trabalho, os existentes não têm formação específica nos vários setores da economia.

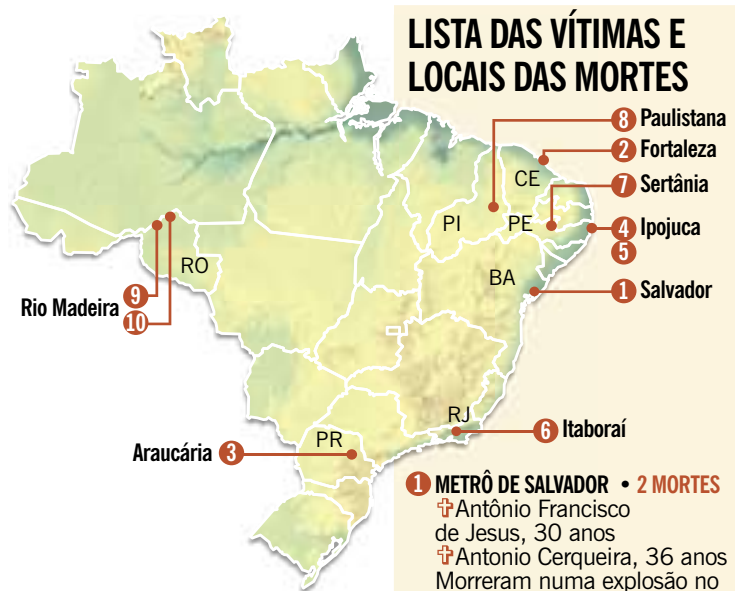
Dados precisam ser aperfeiçoados, diz especialista

Para o diretor de Relações do Trabalho da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Emerson Casali, a medida não terá grande impacto na redução dos acidentes, pois ele vê a falta de informação e de conscientização como maior problema:

— O governo sempre foi omissivo — afirma Casali.

Francisco Pedra, professor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), afirma que há graves problemas nas estatísticas de acidentes de trabalho no país, o que é mais um sinal de que a situação da segurança do trabalhador do país é ruim e tem piorado ao longo dos anos:

— A piora nas relações do trabalho é constante e se agrava



LISTA DAS VÍTIMAS E LOCAIS DAS MORTES

1. METRÔ DE SALVADOR • 2 MORTES
2. METRÔ DE FORTALEZA • 2 MORTES
3. REFINARIA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS • 1 MORTE
4. PETROLEIRO JOÃO CÂNDIDO • 2 MORTES
5. REFINARIA ABREU LIMA (PE) • 1 MORTE
6. COMPERJ • 1 MORTE
7. TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO • 3 MORTES
8. TRANSNORDESTINA • 2 MORTES
9. USINA JIRAU, NO RIO MADEIRA (RO) • 3 MORTES
10. USINA SANTO ANTÔNIO (RO), NO RIO MADEIRA • 3 MORTES

1. METRÔ DE SALVADOR • 2 MORTES
 ✦ Antônio Francisco de Jesus, 30 anos
 ✦ Antonio Cerqueira, 36 anos
 Morreram numa explosão no canteiro de obras em 25/02/2011. Jesus estava soldando um tonel quando houve a explosão

2. METRÔ DE FORTALEZA • 2 MORTES
 ✦ Antonio Rodrigues Pereira, 36 anos
 ✦ José Ventura Martins, 45 anos
 Morreram após uma laje da construção desabar em 8 de maio de 2010

3. REFINARIA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS • 1 MORTE
 ✦ Roni Roque, 43 anos, morreu atropelado no canteiro por um ônibus em 15 de outubro de 2010

4. PETROLEIRO JOÃO CÂNDIDO • 2 MORTES
 ✦ Lielson Ernesto da Silva, esmagado por uma chapa de aço, em julho de 2009
 ✦ Jaelson Ribeiro de Souza, 47 anos, morto em uma queda de 20 metros, em maio de 2010

5. REFINARIA ABREU LIMA (PE) • 1 MORTE
 ✦ Milton José da Silva, 51 anos, sofreu uma forte descarga elétrica e caiu, eletrocutado, de uma altura de 12 metros, em 4 de setembro de 2010

6. COMPERJ • 1 MORTE
 ✦ Marcos Vinicius Pereira da Silva, 38 anos, morreu em uma operação com retroescavadeira em 21/09/2010

7. TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO • 3 MORTES
 ✦ Josiano Manuel de Souza
 ✦ Leandro Rodrigues Sobral
 ✦ Almir Nascimento
 morreram numa explosão em 21 de dezembro de 2010

8. TRANSNORDESTINA • 2 MORTES
 ✦ Cicero João da Rocha, 44 anos, morreu esmagado quando uma pilastra de concreto armado caiu sobre ele e o companheiro
 ✦ Francisco de Assis Cândido da Silva, 34 anos, quando trabalhavam a uma altura de 40 metros em 18/12/2010

9. USINA JIRAU, NO RIO MADEIRA (RO) • 3 MORTES
 ✦ Francisco da Silva Melo, esmagado nas engrenagens de uma britadeira em 25 de julho de 2010
 ✦ Valter Rosa, eletrocutado em maio de 2010
 ✦ João Batista Gomes, com 23 anos, queda de material da grua em 5/02/2011

10. USINA SANTO ANTÔNIO (RO), NO RIO MADEIRA • 3 MORTES
 ✦ João Edcarlos Jesus, esmagado pela máquina lançadora de concreto em julho de 2010
 ✦ Bruno Martinho, 26 anos, esmagado na grua em 11/01/2011
 ✦ Renan, afogado no rio no ano passado

vou desde o governo neoliberal. Hoje, os dados de mortes e acidentes, por exemplo, abrangem apenas os empregados com carteira de trabalho assinada, não incluem os servidores, militares, cooperados e os informais, como o enorme contingente de motoqueiros que morrem pelo país.

Para tentar melhorar essa situação, ele conta que a Fiocruz está organizando um encontro, que ocorrerá em julho, para discutir as estatísticas de mortes e acidentes de trabalho com diversos órgãos, inclusive governos. Ele lembra que há mortes que não são notificadas, como as que não ocorrem de maneira fulminante, e sim depois de algum tempo no hospital. Além disso, ele lembra que é necessário alterar a cultura do enfrentamento desse tema:

— Vi a programação de um congresso de peritos do INSS onde um dos temas era algo semelhante a “como descobrir simulações de trabalhadores”. Há tabelas fixas de prazo para um trabalhador com determinada lesão voltar ao trabalho, o que não é razoável. Vimos, há poucos dias, dois engenheiros presos por tentarem descaracterizar uma cena de acidente de trabalho. E isso no centro de São Paulo, a maior cidade do país.

Perna perdida se torna dedo para a empresa

Walber José Lopes, operador de martelete, perdeu parte da perna esquerda num acidente no canteiro da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio, em Porto Velho, Rondônia, há pouco mais de um ano. Sua perna foi puxada pela esteira da perfuratriz, máquina usada para abrir fendas onde serão encaixadas as bananas de dinamite das escavações da usina — palco de uma revolta de trabalhadores na semana passada.

— Fiquei dez meses afastado, fui operado duas vezes e na minha CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) a empresa informou que perdi somente um dedo mindinho — conta Lopes, que usa prótese, paga pela usina, e já voltou ao trabalho. ■

(*) Enviada especial a Porto Velho



WALBER LOPES: “Fiquei dez meses afastado”